



Entre a arte e a ciência: as visões sobre a cartografia medieval

Between art and science: the views on medieval cartograph

**BORGES, Thiago José<sup>1</sup>**

**Resumo:** Considerando as formas de percepção e representação dos espaços sagrados e profanos no Ocidente medieval cristão, o presente estudo se propõe a analisar as concepções e proposições que, em diferentes contextos historiográficos, permearam a compreensão, a descrição e a sistematização dos testemunhos legados pela produção cartográfica medieval. Neste sentido, entre a arte e a ciência, esperamos que esta breve reflexão seja capaz de delinear perspectivas analíticas que se adequem as latentes especificidades destas representações.

**Palavras-chave:** Cartografia Medieval; Espaço; Historiografia.

**Abstract:** Taking into consideration the ways of perception and representation of sacred and profane space in the medieval Christian West, this study aims to analyse the concepts and prepositions that, in different historiographical contexts, permeated

<sup>1</sup> Mestre em História Medieval pela Universidade de Lisboa e Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Membro do Programa de Estudos Medievais da Universidade de Brasília (PEM/UnB) e pesquisador associado ao Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS- Santarém, Portugal). Bolsista, em Estágio Doutoral no Exterior, pela CAPES.

the understanding, description and systematization of the testimonies inherited from medieval cartographic production. In this regard, between art and science, it is expected that this brief consideration will be able to outline analytical perspectives that suit the latent specificities of these representations.

**Keywords:** Medieval Cartography; Space; Historiography.

Partindo das tradições, dos traçados e das concepções legadas pela produção cartográfica medieval, o presente estudo se fundamenta no reconhecimento dos processos e eventos responsáveis pela construção e consolidação de uma nova imagem do mundo estruturada e imaginada, primordialmente, pelos limites físicos e simbólicos de seus espaços sagrados e profanos. Assim, esta breve reflexão historiográfica se define não somente pela apreciação dos testemunhos cartográficos medievais, mas, igualmente, pelas formas de compreensão, percepção e, sobretudo, representação dos espaços no Ocidente medieval buscando, no *corpus* de uma topografia cristã, as distintas possibilidades e sensibilidades suscitadas pelas manifestações do sagrado<sup>2</sup>.

Para tanto, recorrendo à longa duração dos processos históricos, dispomos de um vasto e diversificado *corpus* cartográfico que se estende entre os séculos VIII e XV, momento em que se observa, em meio aos manuscritos medievais, a presença consolidada de uma imagem do mundo, construída, consolidada e legitimada pela ótica da cristandade medieval<sup>3</sup>; imagem que transita entre a tradição clássica e os novos horizontes geográficos de um mundo finito (*apud* LE GOFF, 1994, p. 40).

Sob tais perspectivas, esta breve reflexão historiográfica se fundamenta em uma dupla perspectiva analítica que, transpondo os limites materiais de sua produção artística, objetiva a compreensão das realidades sociais, culturais e religiosas dos homens que pensaram, traçaram e, a seu modo, fizeram uso operativo dessas imagens, pretendendo, a partir delas, se aproximar das práticas e estruturas de uma sociedade delineada pela complexidade dual do sagrado e do profano.

Portanto, para além de sua dimensão artística e cartográfica, estes mapas se apresentam como um expressivo testemunho da história, da cultura e da religiosidade do Ocidente medieval cristão. Um testemunho que, por intermédio de suas formas e representações, tornou possível a construção e a difusão de uma nova imagem do mundo, repleta de simbolismos e sentidos dogmáticos.

Por outro lado, acreditamos que muitas das questões relativas ao estudo e a compreensão da cartografia medieval permanecem obscurecidas ou mesmo mal interpretadas por uma parte significativa da historiografia. Ao nos debruçarmos sobre a

<sup>2</sup> A este respeito é interessante evocarmos as palavras de Jacques Le Goff que, no prefácio a primeira edição de seu “O Imaginário Medieval”, define representação como quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida estando, portanto, ligada aos processos de percepção e abstração de uma dada realidade. Assim, o imaginário – e conseqüentemente o simbólico – pertencem ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transporta em imagem do espírito, mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra (LE GOFF, 1994, pp. 11-2).

<sup>3</sup> Dentre os testemunhos remanescentes, são reconhecidos cerca de 1100 mapas-múndi medievais confeccionados, em diferentes suportes, formatos, tamanhos e contextos, entre os séculos VIII e XV.

literatura existente a este respeito encontramos, não raras vezes, análises reducionistas e anacrônicas que constantemente negam a importância e os contextos próprios de tais representações em detrimento da descrição puramente física, evolutiva ou positiva do espaço.

Neste sentido, ainda que de cunho preponderantemente teórico, estas reflexões se justificam pela necessidade de contemplar – sob uma perspectiva ainda pouco explorada pela historiografia – a sociedade, as práticas, os homens e as temporalidades heterogêneas que incidem em suas próprias *imagines mundi*<sup>4</sup>.

Não se trata, entretanto, de um estudo exclusivamente pautado na análise iconográfica e comparatista, mas, seguindo o eixo diacrônico intrínseco a essas representações, objetivamos fundamentalmente a abrangência das práticas que configuravam o amplo e simbólico universo medieval.

Desta forma, os manuscritos e mapas-múndi legados pelo Ocidente medieval cristão passam a ser contemplados sob duas perspectivas analíticas complementares: uma iconográfica, que objetiva o detalhamento descritivo dos principais elementos pictóricos de cada mapa e, outra, iconológica, que suscita um ponto de vista bem mais complexo fundamentado na compreensão dos sentidos, significados e simbolismos expressos por estas imagens em seus contextos culturais específicos.

Como pequenos indícios de uma complexa estrutura social, essas representações podem ser igualmente contempladas em termos de um discurso modelar que, como um espelho, reflete as sensibilidades e as verdades de seus próprios criadores. Dessa forma, passaremos a observar essas imagens como um produto de memória coletiva, guiando-nos por uma semiologia não iconológica, rompendo a análise estruturalista das imagens para alcançar as subtilezas de seus contextos circundantes, pois, diante da imagem, estaremos sempre diante do tempo (DIDI-HUBERMAN, 2000, p. 16).

Esta reflexão surge, assim, com o claro intuito de elucidar, aprofundar e complementar algumas questões de fundamental importância para a compreensão do amplo e figurado universo das representações cartográficas medievais. Neste ponto, alguns questionamentos de ordem teórico-metodológica tornam-se particularmente mais evidentes e relevantes para nortear os novos horizontes desta pesquisa. Afinal, como se constituem e se definem, no seio do cristianismo ocidental, os limites, sentidos e significados destes espaços? Como podemos captar e compreender, no cerne da sociedade ocidental, as diferentes formas de compreensão, percepção e representação destes espaços que transitam continuamente entre a materialidade de seus limites imanentes e a exaltação de seus simbolismos religiosos? Como podemos, portanto, nos aproximar e compreender, historicamente, sensibilidades que se apresentam de formas tão peculiares e enigmáticas?

Norteados por tais questionamentos, é possível estabelecermos uma comparação sistemática entre as representações cartográficas de diferentes períodos e as especificidades históricas do Ocidente medieval cristão, buscando compreender e

<sup>4</sup> Interessante salientar que, na Idade Média, o termo latino *imago mundi* faz particular referência às imagens materiais do mundo adentrando, portanto, nos domínios da *imago* medieval e diferenciando-se – ainda que sem oposição – aos domínios da *imaginatio* medieval, isto é, ao campo das imagens mentais. Ainda que distintas estas duas dimensões são complementares e não podem ser separadas, pois comprometeriam significativamente o entendimento das formas, dos sentidos e das simbologias das imagens medievais.

elucidar as formas e os processos responsáveis pela progressiva consolidação de uma nova concepção de mundo: um mundo fundado por pilares clássicos que passam a ser iluminados e remodelados pela teologia cristã. Neste contexto de incertezas e complexas variáveis resta-nos unicamente a convicção de que a amplitude, a complexidade e as incertezas inerentes ao tema proposto justificam a necessidade de abordar e aprofundar, sob uma perspectiva multidisciplinar, as diferentes formas de compreensão, percepção e representação dos espaços sagrados no Ocidente medieval.

## Entre a arte e a ciência, um percurso historiográfico

Os primeiros estudos sistemáticos empreendidos acerca das formas de concepção e representação dos espaços naturais e humanos datam da primeira metade do século XIX, momento em que se observou a intensa necessidade de coligir, catalogar, quantificar e qualificar os documentos e mapas existentes: nascia então, a cartografia<sup>5</sup>. Detentora de métodos e funcionalidades próprias, essa nova ciência passaria a nortear a observação e a compreensão das diferentes formas de representação gráfica dos espaços em estreita consonância com os rígidos postulados cientificistas que marcaram o pensamento de sua época.

Nesse contexto de certezas e afirmações categóricas, observou-se a progressiva desconstrução, redução ou mesmo negação dos modelos e formas de representação pensadas e traçadas pelos homens de outrora, fazendo com que a cartografia estivesse fundamentalmente restrita a condição de “ciência ou arte, ou técnica de fazer levantamentos cartográficos e traçar cartas geográficas em geral e, em particular, cartas em que as formas e relevos da superfície da crosta terrestre são representados graficamente” (CORTESÃO, 1975, p. 268).

Nesta perspectiva, destacam-se as clássicas obras de Raymond Beazley<sup>6</sup>, Marcel Destombes<sup>7</sup>, Konrad Miller<sup>8</sup>, George Kimble<sup>9</sup> e de Manuel Francisco Carvalhosa – o 2º Visconde de Santarém – que se apropriou da cartografia medieval para legitimar seu discurso político em favor da prioridade dos descobrimentos marítimos portugueses na costa africana<sup>10</sup>. Incorporados e enquadrados aos limites restritos de uma codificação puramente historicista, os mapas-múndi medievais passaram, então, a ser descritos como verdadeiros símbolos do retrocesso do pensamento humano, concebidos como “a mais dramática ilustração de como a imaginação religiosa medieval distorceu a ciência geográfica” (NEBENZAHL, 1986, p. 41).

Enquadramento que desafortunadamente se mantém, ainda que em menor grau, até os nossos dias. Felipe Hernando Sanz, por exemplo, recorre ao termo précientífica para delinear e, uma vez mais, reforçar a típica distinção estabelecida entre a cartografia

<sup>5</sup> O termo *cartografia* foi originalmente proposto pelo geógrafo português Manuel Francisco Carvalhosa em carta enviada ao historiador brasileiro Francisco Varnhagen em 8 de Dezembro de 1839.

<sup>6</sup> BEAZLEY, Raymond. *The Dawn of Modern Geography: A History of Exploration and Geographical Science from the Conversion of the Roman Empire to A.D. 900*. London: J. Murray, 1897-1906.

<sup>7</sup> DESTOMBES, Marcel (ed.). *Mappemondes A.D. 1200: catalogue prepare par la Commission des Cartes Anciennes de l'Union Géographique Internationale*. Amsterdam: N. Israel, 1964.

<sup>8</sup> MILLER, Konrad. *Mappaemundi: Die aeltesten Weltkarten*. Stuttgart: J. Roth, 1895-1898.

<sup>9</sup> KIMBLE, George. *Geography in the middle ages*. London: Methuen & Co., 1938.

<sup>10</sup> SANTAREM, Manuel (Vcte de). *Atlas composé de cartes des XIVe, XV, XVI et XVII siècles pour la plupart inédites, et devant servir de preuves à l'ouvrage sur la priorité de la découverte de la Côte Occidentale d'Afrique au delà du Cap Bojador par les portugais*. Paris, 1841.

moderna – a única pretensamente científica sob este ponto de vista – e as representações cartográficas medievais. Segundo este,

la cartografía Cristiana de la Alta Edad Media pretendió representar la imagen física de la Tierra, basándose en toda una concepción abstracta de la naturaleza. Supuso un largo periodo de estancamiento en la evolución histórica de la cartografía y de la geografía. Sólo, la lenta recuperación del empirismo científico durante los siglos XII y XIII permitió que la cartografía náutica, totalmente consolidada en el siglo XIV, superase definitivamente todas las concepciones simbólicas (SANZ, 2009, p. 89).

Ademais das latentes incoerências deste discurso, seria historicamente imprudente considerarmos que, no alvorecer da modernidade, todas as estruturas imaginárias, simbólicas e imagéticas fomentadas durante toda a Idade Média tenham simplesmente “desaparecido do mapa”. Ainda que, evidentemente, existam diferenças funcionais significativas entre os mapas-múndi medievais e as cartas náuticas traçadas, no Ocidente europeu, desde finais do século XIV, é preciso considerar, igualmente, as permanências e as reminiscências de longa duração de determinadas estruturas mentais.

Jacques Le Goff (1994, p. 38), refletindo acerca dos limites temporais de uma *longa Idade Média*, destacou que, de modo geral, persistem na sociedade europeia, do século IV até o século XIX, estruturas fundamentais que nos permitem captar a coerência desses quinze séculos de história, esta longa Idade Média é, portanto, a Idade Média do cristianismo dominador, um cristianismo que é simultaneamente uma religião e uma ideologia. Considerações igualmente válidas para as diferentes formas de compreensão e representação dos espaços naturais e humanos.

De fato, mesmo no auge dos grandes descobrimentos, período de luzes e desenvolvimento, as reminiscências do imaginário medieval fizeram-se igualmente presentes. O pequeno dragão representado no interior do território brasileiro, em meio aos índios, árvores e araras, no famoso planisfério *Terra Brasilis* (figura 1), de 1519, ou mesmo os aterrorizantes monstros marítimos que figuram em outras tantas cartas náuticas do período<sup>11</sup>, são a clara evidência de que o despertar da modernidade europeia, bem como seu pretenso discurso renascentista e racionalista, não apagou de imediato os medos, as crenças e as imagens de um imaginário tipicamente medieval. Imaginário que, para Le Goff (1994, p. 16), “alimenta o homem e fá-lo agir, é, pois, um fenômeno coletivo, social e histórico que se forma, se modifica e se transforma no tempo e no espaço”.

<sup>11</sup> A este respeito, cf. VAN DUZER, Chet. *Sea monsters on medieval and renaissance maps*. London: British Library, 2013.

Figura 1 - Detalhamento do planisfério atlântico Terra Brasilis (1519).



Fonte: Parte constitutiva do Atlas Miller. Paris: *Bibliothèque Nationale de France*, GED-26179(RES).

Compreendemos, portanto, que, providos de importantes acepções instrumentais, ainda que bem distantes das funcionalidades que atribuímos atualmente às nossas imagens do mundo, os “mapas não científicos de finais da Idade Média”, diferentemente do que presumiu Raymond Beazley (1906, p. 528)<sup>12</sup>, estão inseridos em um complexo contexto artístico e cultural que orientam todos os ‘porquês’ de sua criação.

Muitas vezes traçados por iluminadores anônimos com diferentes intenções e estratégias, estes manuscritos narram, por intermédio de concepções pictóricas hierarquizadas, toda a história da humanidade desde suas origens, constituindo verdadeiros compêndios de ideias, conceitos e fontes distintas que passam a ser compiladas e editadas seguindo propósitos e funcionalidades específicas.

No cerne de uma concepção de mundo preponderantemente alegórica e idealista, o universo era pensado e traçado segundo sua dimensão simbólica fazendo com que a representação de determinados espaços assumissem um significado que não raras vezes transcendia a simples referência física e geográfica de seus domínios.

Portanto, longe de uma mera distorção ornamental, sem qualquer sentido ou funcionalidade aparente, os mapas-múndi medievais, como bem destaca Maria Eurydice de Barros Ribeiro (2010, p. 41), foram capazes de educar pela imagem, forjando comportamentos e inspirando na formação das virtudes cristãs.

<sup>12</sup> “The non-scientific maps of the later Middle Ages [...] are of such complete futility [...] that a bare allusion to the monstrosities of Hereford and Ebstorf should suffice”.

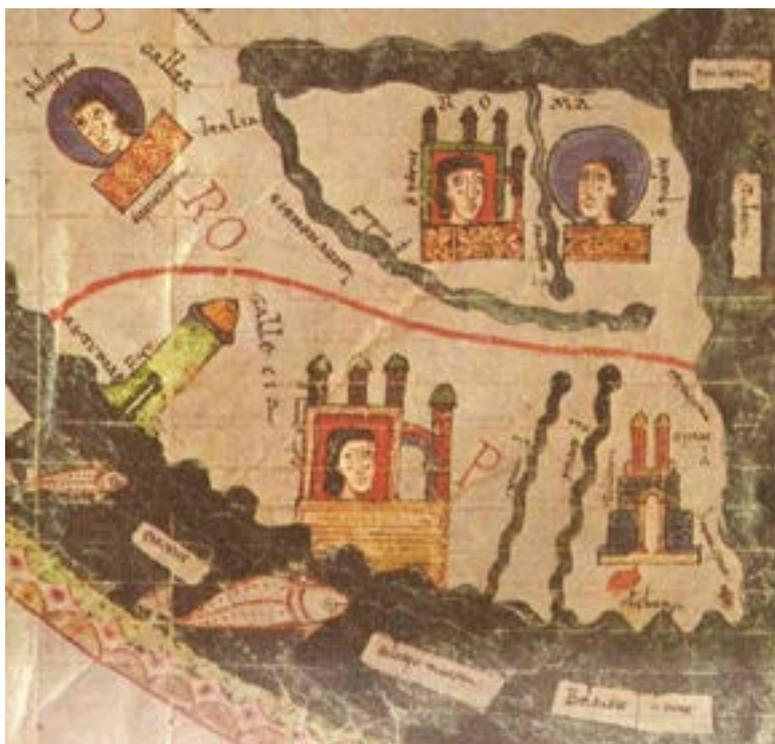
Nos altares das catedrais, estampadas aos olhos de todos, ou nos pequenos fólhos de um manuscrito iluminado, enclausurados junto a seus monges, estas *imagines mundi* estabeleceram discursos e verdades próprias, descrevendo, demonstrando e consolidando os limites de um mundo em construção. Um mundo que, oscilando entre o real e o imaginário, tornou possível a inserção de certos exageros geográficos não pela realidade de seus traços, mas pela necessidade de construir um discurso específico ressaltando, em uma lógica simbólica, espaços e elementos quantitativamente mais relevantes (WOODWARD, 1987, p. 288), visto que,

para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. [...] Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência ‘forte’, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 2010, p. 25).

Sob tais perspectivas, parece-nos particularmente claro que a representação da cidade de Jerusalém nos mapas-múndi de Ebstorf e Hereford, ou mesmo a imagem valorizada da basílica de Santiago de Compostela no mapa-múndi do *Beato* de Osma (figura 2) assumem sentidos e significados que evidentemente transcendem a simples referência geográfica de seus domínios. Constatações semelhantes podem ser igualmente extraídas da representação fachada da *Ecclesia Sci. Severi* situada no seio de uma desproporcional Galícia no mapa-múndi do *Beato* de Saint-Server ou mesmo a representação da roda dentada de Astorga no mapa do *Beato* de Navarra. Nesses e em outros tantos casos, o que se evidencia é a clara intenção de edificar um discurso personalista, capaz de criar e propagar seus próprios signos identitários.

Entretanto, a intencionalidade inerente à cartografia medieval que oscila constantemente entre adições, subtrações e certos exageros cartográficos não pode ser entendida como uma mera distorção da geografia física, mas sim como o resultado de um “evidente esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – uma determinada imagem de si próprias” (LE GOFF, 1996, p. 538) Imagem que constitui um discurso coeso, que transparece verdades coevas, que registra as sensibilidades e intenções próprias de uma sociedade que sobrevive e, séculos após sua criação, nos aproxima dos homens de seu tempo.

Figura 2 - Detalhamento do continente europeu no mapa-múndi do Beato de Osma (1086).



Fonte: Burgo de Osma, Arquivo de la Catedral, Cod. 1, ff. 34v.

Aos olhos do historiador, estas percepções, tão específicas de cada sociedade, nos relatam não somente aquilo que todo e qualquer homem poderia de fato ver e tocar. Elas não nos falam unicamente das formas de tudo aquilo que é evidente a olho nu, isto porque elas igualmente suscitam as mentalidades e as verdades dos homens de seu tempo, expondo sensibilidades que transcendem suas próprias realidades materiais, aguçando e despertando sentidos e interesses singulares séculos após sua produção.

Diante da complexidade formativa destes documentos, compreendemos inicialmente que a clara oposição existente entre as diferentes dimensões e os múltiplos sentidos atribuídos a um mesmo espaço inviabiliza definitivamente a manutenção de uma leitura reducionista e maniqueísta acerca das representações cartográficas legadas pelo medievo ocidental. A análise destes documentos requer, impreterivelmente, uma abordagem metodológica mais ampla que seja efetivamente capaz de captar, segundo seus estatutos próprios, a verdadeira essência dessas representações.

Neste sentido, é importante notarmos que a intensa diversidade formas, símbolos e significados que incidem sobre o universo das representações cartográficas medievais se estabelece primordialmente pela pluralidade de fontes, tradições e intenções que convergem sobre os longos traços de um mapa-múndi, fazendo com que estes manuscritos conservem em si o duplo papel de “descrição legítima e legitimadora de uma peculiar imagem do mundo, pois foram construídos com o amparo em autoridades clássicas e eclesiásticas, e com a função de reafirmar os eixos principais desta imagem” (DEUS, 2005, p. 13).

Seria mais razoável, portanto, pensar o mapa como uma espécie de crônica, que não somente atraiu informações herdadas do exemplar que lhe serve de modelo imediato,

mas também foi aberto a adições e subtrações inspiradas pelo local de interesse por parte do cartógrafo ou do patrono (WILLIAMS, 1997, p. 18).

O processo de composição de *imago mundi* medieval pautava-se, portanto, em um ato de contínua trasladação que implicava, por assim dizer, não somente na apropriação de fontes e informações constituídas ao longo de uma tradição, mas, igualmente, em sua constante interpretação (RIBEIRO, 2010, p. 31).

Desta forma, a produção cartográfica medieval, em suas mais distintas formas e tradições, se estabelecia primordialmente por um minucioso procedimento de seleção consciente de fontes, representações, discursos e intenções que, tal como demonstrado por Gatterer, em seu *Ensaio sobre a localização geográfica e o ponto de vista do historiador*, não dependia exclusivamente de circunstâncias sociais ou políticas, mas igualmente dos interesses espaço-temporais.

Diante de tais constatações, observa-se que desprezando, por desconhecimento ou simples desinteresse, uma parte considerável da configuração sensitiva do mundo físico que os circundava, os mestres e iluminadores mantinham o olhar plenamente fixo para outra realidade, uma realidade que transcendia os domínios sensitivos de uma geografia meramente positiva, dotada de um intenso sentido simbólico que permitia a representação em um mesmo plano de eventos e personagens históricos, bíblicos ou imaginários que estavam dissociados no tempo e no espaço, não existindo, portanto, uma linearidade histórica bem definida.

Por seu gosto enciclopédico, estas singulares expressões da cultura medieval não devem ser concebidas ou sistematizadas como simples instrumentos operativos, uma vez que, neste caso específico, o espaço adquire fisionomia cartográfica essencialmente vinculada a uma estrutura alegórica, com referências “apenas ocasionais à conformação terrestre, mesmo quando era perfeitamente conhecida” (TUCCI, 1984, p. 139). É plausível, pois, pensarmos esta dicotomia espacial sob uma dupla perspectiva teórica: uma objetiva, imediata e sensitiva, outra subjetiva, intimamente dependente dos códigos mentais, das lógicas culturais e das práticas sociais de cada civilização em particular.

Longe de serem simples representações inócuas e puramente estéticas, essas imagens participam e influenciam determinantemente nas relações sociais e, sobretudo, nas relações entre os homens e suas formas de percepção espaço-temporais. Segundo Maurice Halbwachs (2004, p. 155), “em sociedades tradicionais – tal como observado no Ocidente medieval – a separação fundamental entre o mundo sagrado e o mundo profano realiza-se materialmente no espaço”.

Não podemos simplesmente fechar os olhos e renegar os sentidos espirituais inerentes a tais representações acreditando que, tal como nossos mapas-múndi, estas expressões cartográficas destinavam-se única e exclusivamente a remarcar os limites geográficos de um espaço positivo e geométrico que “pode ser cortado e delimitado seja em que direção for, mas entre suas partes não existirá nenhuma diferença qualitativa, mantendo a homogeneidade e a relatividade de um espaço profano” (ELIADE, 2010, pp. 36-7). Com razão, portanto, Huizinga (s/d., p. 210) afirma que, no Ocidente medieval, “todas as coisas seriam absurdas se o seu significado se limitasse a sua função imediata e a sua fenomenalidade e se, pela sua essência, não alcançasse um mundo para além deste”.

São estas múltiplas e, por vezes, contrastantes associações que conferem à produção cartográfica medieval uma imensurável diversidade de formas, cores, símbolos e significados, fazendo com que os diferentes propósitos suscitados pelas narrativas não lineares destes mapas conduzissem a diferentes representações acerca da imagem e da forma do mundo. Inseridos em uma nova ordem de pensamento, estes espaços são capazes de evocar, nos limites temporais do mundo físico, sentidos míticos, místicos e históricos, capazes de romper com a própria linearidade do tempo humano. Rompimento que, para Aron Gurevitch (1991, p. 46), nasce da intrínseca necessidade de transcendência das dimensões espaço-temporais que se estabelece, em grande parte, do desejo de superar o confinamento e o isolamento da existência humana individual, dando a estes homens e mulheres a possibilidade de suplantar, ainda que no campo simbólico, a brevidade e a unicidade de suas vidas.

Ora, mas afinal não é necessário recuarmos no tempo para compreendermos isso. Se observarmos com atenção o mundo que nos cerca perceberemos, a nosso modo, as expressivas distinções e delimitações espaciais que ainda hoje se estabelecem em meio às nossas realidades coevas. Segundo Sarah Hamilton,

para qualquer peregrino que caminha ao longo da *Via Dolorosa* para a igreja do Santo Sepulcro, hoje, como na Idade Média e nos princípios da Idade Moderna, a experiência combina o sagrado com o profano, o público com o pessoal. Por um lado, os peregrinos caminham ao longo da rota que eles acreditavam Cristo carregou a cruz para o local de sua crucificação, por outro eles caminham ao longo de uma rua repleta de lojas para a igreja do Santo Sepulcro, construída no local do Calvário, um prédio feito santo não somente por ser o local dos eventos centrais da fé cristã (um espaço liminar como o *locus* para a ressurreição de Cristo), mas também através do rito de consagração, e através dos ritos litúrgicos realizados lá em uma base diária (HAMILTON, 2006, p. 1).

Transpostas do mundo sensitivo para uma ordem figurativa e imagética, as distintas formas de compreensão e percepção do tempo e do espaço fundamentaram, no seio das representações cartográficas, da antiguidade aos nossos dias, o estabelecimento de uma infinidade de traços, intenções e discursos próprios das diferentes sociedades humanas ao longo dos tempos. Não restam dúvidas, portanto, de que em um mapa-múndi sempre haverá visões, ideias e conceitos que serão privilegiados em detrimento de outros, fato que caracteriza, ainda hoje, a intencionalidade inerente a estes traçados.

Da tripartição da *orbis terrarum* medieval ao eurocentrismo moderno compreende-se que tais parcialidades derivam, em grande parte, dos amplos e consistentes regimes de verdades e crenças postuladas por cada sociedade, fazendo com que seus discursos específicos estejam impregnados nas subjetividades próprias de suas imagens do mundo.

Como numa espécie de caleidoscópio, as representações cartográficas a cada movimento, a cada era histórica, apresentam-se das mais diferentes formas, transcendendo a realidade material de seus criadores e contemplando as perenes mutações epistemológicas e mentais das novas gerações, fazendo com que a história da cartografia não se esgote no caminho percorrido para chegar a uma transposição fiel e geométrica da superfície terrestre.

Tendo em vista tais constatações, compreendemos finalmente que a ampla diversidade de formas e símbolos atribuídos a uma mesma tipologia documental ao longo dos tempos inviabiliza consideravelmente a formulação de conceitos restritivos que conduzam a redução ou mesmo a negação certas tradições e representações gráficas dos espaços. Desta forma, em consonância com os escritos de John Brian Harley e David Woodward (1987, p. xvi), assumiremos aqui uma definição que contempla estas *imagines mundi* enquanto representações gráficas que facilitam a compreensão espacial das coisas, conceitos, condições, processos ou eventos do mundo humano.

Acreditamos, assim, que este considerável alargamento conceitual nos permitirá contemplar, sem julgamentos precipitados ou mesmo pejorativos, os longos traços que compõem um mapa-múndi medieval, explorando-os não somente como uma figura do mundo, mas igualmente como um retrato de sua concepção, considerando-os, portanto, como parte fundamental de um contexto pessoal de memória artística e do pensamento medieval (KLINE, 2005, p. 14). Em síntese, esta breve definição permite-nos compreender como estas imagens e textos sugerem e certamente sugeriram um diferente olhar sobre os espaços sagrados e profanos que compunham o universo simbólico do homem medieval.

### Limites teóricos e definições conceituais

Tal como observado em diferentes áreas do conhecimento historiográfico, a definição dos conceitos fundamentais da cartografia histórica se apresenta como uma complexa problemática que se origina fundamentalmente na multiplicidade de significados e acepções que palavras como “mapa”, “espaço” ou “cartografia” recebem ou receberam no decorrer dos tempos. Prisioneiros de suas próprias etimologias, esses conceitos concentram em sua própria historicidade diferentes extratos temporais capazes de abrir determinados horizontes, ao mesmo tempo em que atuam como limitadores das experiências possíveis, sendo que, é justamente na multiplicidade cronológica do aspecto semântico que reside, portanto, a força expressiva da história<sup>15</sup>.

Em semelhante medida, Jacques Le Goff ressalta que o desaparecimento ou aparecimento de termos, a evolução e as transformações semânticas do vocabulário fazem parte, pois, do próprio movimento da história. Assim, no cerne de um constante e contrastante movimento que oscila perenemente entre permanências, alterações, inovações e rupturas, cada um destes vocábulos reúne em si a diversidade da experiência e do tempo histórico. Para melhor compreendermos estes fenômenos históricos, linguísticos e semânticos, tomemos, pois, um exemplo específico.

O vocábulo “mapa”, que utilizamos contemporaneamente para fazer referência as nossas formas representações gráficas dos espaços, é derivada da expressão latina *mappa* que, apesar de originalmente designar um pequeno pedaço de tecido, já era utilizado no universo latino – juntamente com expressões como *forma*, *figura*, *orbis pictus* ou *orbis terrarum* – para nomear as diferentes formas de representação gráfica do espaço.

<sup>15</sup> A este respeito, cf. notadamente as proposições teóricas apresentadas por KOSELLECK, Reinhart. “História dos Conceitos e História Social. In: \_\_\_\_\_. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2006, pp. 101 et seq.

Durante a Idade Média estes termos se multiplicariam. Em finais do século VIII o monge Beato de Liébana faz uso da expressão *formula picturarum* para se referir ao grande mapa-múndi traçado em fólio duplo que acompanhava a primeira edição pictórica de seu *Commentarium in Apocalipsin*<sup>14</sup>. Em outros casos, como no *Polychonicon* de Ranulf Higden, datado de meados do século XIV, o termo *mappamundi* é utilizado para designar não o mapa em si, mas sim a descrição verbal do mundo que acompanha o manuscrito.

Em outros manuscritos expressões sinonímicas como *imagines mundi*, *tabula*, *pictura* e *descriptio* são comumente utilizadas para fazer referência a representações semelhantes, senão com sentidos idênticos. Entretanto, ainda que estes conceitos fossem conhecidos e amplamente utilizados no mundo antigo e medieval, é particularmente evidente que seus sentidos e significados primários passaram a ser progressivamente alterados ao longo dos tempos.

Para as realidades que particularmente nos interessam aqui, talvez tenha sido Du Cange, em seu *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*, de 1678, o que mais se aproximou definições que este vocábulo primordialmente evocava em meio à sociedade medieval, descrevendo-o como um “papel ou pano, de forma explicada, em que a descrição do mundo está contida”<sup>15</sup>. Segundo este, um mapa poderia ser visto, assim, como uma espécie de sudário que, lançado sobre o mundo, revelaria sua “face”. A referência, neste caso, com o santo sudário de Cristo é evidente e indica como, em pleno século XVII, ainda se conservava, em meio a uma memória coletiva, os expressivos simbolismos religiosos que emanavam das formas de percepção e representação do espaço no Ocidente medieval.

De caráter semiológico, a linguagem cartográfica se estabelece a partir de parâmetros próprios que influenciam e são influenciados pelas características e comportamentos de cada sociedade ao longo dos tempos. Nesse sentido é imprescindível considerarmos não somente a permanência destas palavras, no eixo sincrônico, mas igualmente a progressiva alteração de seus sentidos e significados no eixo diacrônico.

Seria, pois, completamente inverossímil acreditar que um *mappamundi* evoca, para os homens de outrora, exatamente os mesmos sentidos, funções e significados que os nossos mapas-múndi evocam para os nossos contemporâneos. No caso específico da sociedade medieval, que particularmente nos interessa aqui, a representação do mundo não se encerrava na simples contemplação de sua geografia física, mas, transcendendo estes limites, evocava, em seus diferentes espaços e contextos, toda a história desde os primórdios da humanidade, elemento que, para Naomi Kline (2005, p. 222), reforça o esforço consciente de muitos autores para tornar o mundo material um espelho da história bíblica uma vez que, ao traçarem as representações de suas *imagines mundi*, estes monges e iluminadores não estavam propriamente preocupados com “a dimensão geográfica que os cercava, mas sim, com a própria salvação de suas almas” (RIBEIRO, 2003, p. 26).

<sup>14</sup> Acerca dos processos de reconhecimento, datação e sistematização da vasta tradição legada pelas cópias ilustradas do Comentário ao Apocalipse do Beato de Liébana, cf. KLEIN, Peter. “La tradición pictórica de los Beatos”. In: *Actas del Simpósio para el Estudio de los Códices del “Comentário al Apocalipsis” de Beato de Liébana*, vol. 2. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1980, pp. 83-106.

<sup>15</sup> “*Charta vel mappa explicata, in qua orbis seu mundi descriptio continetur*”. DU CANGE, et al., *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*, ed. augm. Niort: L. Favre, 1883-1887, tomo 5, col. 255b.

Tais afirmações tornam-se particularmente mais evidentes e instigantes quando nos debruçamos em alguns exemplos específicos. Em finais do século XVIII, o matemático italiano Joseph Louis Lagrange escrevia, em sua *Sur la construction des cartes géographiques*, que “um mapa geográfico é uma figura plana que representa a superfície da Terra ou parte dela” (*apud* HARLEY, 1987, p. xv), conceito que, em certa medida, foi ampliado por Samuel Johnson que, em 1755, ao escrever para o Dicionário da Língua Inglesa determina que “o mapa é uma figura geográfica onde as terras e mares são delineados de acordo com a longitude e latitude” (*apud* HARLEY, 1987, p. xv).

Em ambos os casos, o que se observa é um discurso próprio de uma sociedade que, pautada pelos princípios racionalistas de um latente cientificismo, conheceu e descreveu seus espaços circundantes por intermédio de rígidos postulados matemáticos – nomeadamente aqueles diretamente derivados do sistema cartesiano – fazendo com que o espaço, e conseqüentemente as representações cartográficas deste espaço, estivessem impreterivelmente relacionadas com suas dimensões física e positiva.

Mas, seria um erro pensar e descrever o espaço desta forma? Em um contexto mais restrito, evidentemente que não. Se considerarmos a sociedade e os homens que engendraram tais postulados, nos aproximando de suas dúvidas, questionamentos, verdades e discursos, poderemos compreender facilmente porque, em um determinado momento da história, estas respostas conseguiram minimamente suprir as carências de orientação espacial dos homens de seu tempo.

Por outro lado, colocados em perspectiva, seria incorrer a um erro extremamente grotesco considerar que estas sejam as únicas e verdadeiras formas de explicação e compreensão das realidades e representações gráficas do espaço. O anacronismo e as incoerências da definição de Samuel Johnson seriam perfeitamente notados se impuséssemos tais concepções ao mundo grego, romano ou medieval – para citarmos somente alguns exemplos – que evidentemente desconheciam os parâmetros modernos de coordenadas latitude e longitudinais. Ademais, seria igualmente contraditório determinar que o espaço se restrinja fundamentalmente a sua dimensão física, desconsiderando que, sobretudo em sua forma representativa, o espaço possa assumir valores, sentidos e verdades variáveis.

Atuando como mediadores entre o mundo físico e o mundo figurativo, as representações cartográficas do espaço foram capazes de expor, em diferentes contextos e regimes de percepção “o poder eloquente e expressivo dos mapas, que podem falar através das barreiras das línguas ordinárias” (HARVEY, 1987, p. 1). Neste sentido, vemos que a compreensão das mentalidades e do imaginário medieval em suas mais diversas formas e representações reside primordialmente no entendimento da dimensão antropológica e espiritual do homem medieval.

Portanto, entendemos que análise crítica de um mapa-múndi, seja como uma fonte histórica ou como um objeto artístico e religioso, quando contemplada em seus estatutos específicos, contribuirá decisivamente para a reconstrução dos elementos estruturais da dinâmica sociocultural dos homens de seu tempo. Independente da época em que essas imagens são observadas, a verdade é que existiram e sempre existirão várias leituras e interpretações possíveis frente a estes importantes testemunhos históricos.

É importante considerar igualmente que, muito antes de se tornarem documentos ou objetos de análise historiográfica, estes mapas eram artefatos funcionais que possuíam um nítido valor artístico e religioso com o poder de doutrinar, instruir e legitimar os ditames de uma nova espiritualidade.

Longe dos habituais e tendenciosos julgamentos de outrora, acreditamos que o passado deva ser mensurado segundo suas próprias unidades de medida, fazendo com que a leitura e a compreensão destes documentos se tornem mais pertinentes e adequadas às realidades próprias do mundo e do homem medieval. Devemos, portanto, assumir nossas intransponíveis limitações de compreensão plena acerca dos verdadeiros sentidos ou das reais sensações de um olhar coevo sobre esses mapas, isso porque eles não nos pertencem e, conseqüentemente, nunca estarão em consonância com os nossos olhares, com as verdades do nosso tempo. Se negarmos este princípio e os inserirmos em uma codificação puramente historicista estaremos, desde o início, caminhando pelas vias inseguras do anacronismo.

Para tanto, é preciso ir além. Além dos traçados, de seus contextos circundantes e, sobretudo, além das visões preconceituosas, reducionistas e anacrônicas que tanto distorcem os estudos acerca da cartografia medieval. Sob tais perspectivas, cremos que a apreciação crítica destes documentos nos permitirá avançar passos consideráveis no sentido de compreender a memória, a espiritualidade e o imaginário dos tempos passados. Esperamos, por fim, que a ampliação dos horizontes teóricos, metodológicos e documentais proposta por esta breve reflexão seja capaz de auxiliar na obtenção de novas perspectivas de análise que contemplem, no silêncio de suas representações, os discursos e intenções inerentes a esses importantes expoentes do conhecimento da cultura medieval.

## Referências

BEAZLEY, Raymond. *The Dawn of Modern Geography: A History of Exploration and Geographical Science from the Conversion of the Roman Empire to A.D. 900*. London: J. Murray, 1897-1906.

CORTESÃO, Armando. Atlas e História da Cartografia. In: *Esparços*, vol. 2. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1975.

DEUS, Paulo R. S. de. *A Forma do Mundo: O Programa Iconográfico do mapa-múndi de Hereford (Século XIII)*. Tese Doutorado apresentado ao Instituto de Humanidades, Universidade de Brasília, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Devant le temps: histoire de l'art et anachronisme des images*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2000.

DU CANGE, Charles ; *et al.*, *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*, ed. augm. Niort: L. Favre, 1883-1887. Disponível on-line em <<http://ducange.enc.sorbonne.fr/>>, acesso em 9 de Agosto de 2015.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

GUREVITCH, Aron. *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HAMILTON, Sarah. Defining the holy: the delimitation of sacred space. In: \_\_\_\_\_; SPICER, Andrew. *Defining the holy: sacred space in medieval and early modern Europe*. London: Ashgate, 2006.

HARLEY, J.B.; WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography: cartography in prehistoric, ancient, and medieval Europe and the Mediterranean*, vol. 1. Chicago/London: University of Chicago press, 1987.

HARVEY, P.D.A. The map and the development of the History of cartography. In: HARLEY, J.B.; WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography: cartography in prehistoric, ancient, and medieval Europe and the Mediterranean*, vol. 1. Chicago/London: University of Chicago press, 1987.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: A study of the play-element in culture*. Boston: Beacon Press, s/d.

KIMBLE, George. *Geography in the middle ages*. London: Methuen & Co., 1938.

KLEIN, Peter. La tradición pictórica de los Beatos. In: *Actas del Simpósio para el Estudio de los Códices del "Comentário al Apocalipsis" de Beato de Liébana*, vol. 2. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1980, pp. 83-106.

KLINE, Naomi. *Maps of Medieval Thought: The Hereford Paradigm*. Suffolk: Boydell Press, 2005.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, pp. 535-549.

\_\_\_\_\_. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

NEBENZAHL, Kenneth. *Maps of the Holy Land*. New York: Abbeville Press, 1986.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. A Cartografia Medieval. O mundo dos homens e o mundo de Deus. In: *OPSIS*. Catalão, v. 10, nº 2 (Jul-Dez 2010), pp. 27-42.

\_\_\_\_\_. O Sentido da História: Tempo e espaço na cartografia medieval (séculos XII-XIII). In: *Tempo/Universidade Federal Fluminense*, vol. 7, nº14, (Jan. 2003). Rio de Janeiro: 7 letras, 2003, pp. 11-26.

SANZ, Felipe Hernando. La cartografía precientífica alto medieval: Los mapas de T en O. In: DOMINGO, Mariano C.; CARRASCOSA, Alfredo S. (coord. e ed.), *Cartografía Medieval Hispánica: Imagen de un mundo en construcción*. Madrid: RSG e RLNE, 2009, pp. 61-90.

TUCCI, Ugo. Atlas. In: ROMANO, Ruggiero (dir.), *Enciclopédia Einaudi: Memória-História*, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 130-157.

WILLIAMS, John. Isidore, Orosius and the *Beatus* Maps. In: *Imago Mundi: The international journal for the History of cartography*, vol. 49, tomo 1, (1997), pp. 7-32.

WOODWARD, David. Medieval Mappaemundi. In: HARLEY, J.B.; WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography: cartography in prehistoric, ancient, and medieval Europe and the Mediterranean*, vol. 1. Chicago/London: University of Chicago press, 1987.